

# Ruínas abrigam mendigos e marginais

As ruínas de alguns dos 15 esqueletos espalhados pela cidade continuam a abrigar mendigos, famílias carentes e até marginais. Enquanto não saem do papel as soluções apontadas pela comissão do GDF — que propõe destinações para as velhas construções inacabadas — famílias, como a de Palmira Alves da Silva, continuam recorrendo ao que restou dessas obras de concreto.

Mesmo com a destinação definida, os escombros do Shopping Bibabô servem de moradia para a matogrossense Palmira da Silva, que há oito meses descobriu o local por acaso. Desde então, ela, o marido, e principalmente, o filho de 12 anos, que aguarda transplante de rim no Hospital de Base, moram nos escombros do Bibabô. "Enquanto meu filho não se recuperar não podemos sair daqui", justifica Palmira, revoltada apenas com os constantes ataques de vândalos.

O Bibabô Shopping é um dos esqueletos mais antigos de Brasília, com quase 20 anos. O terreno foi adquirido pelo grupo Bibabô em 1973, com o propósito de abrigar um conjunto de lojas e escritórios com oito mil metros quadrados. Três anos depois, por não ter mais de 30 por cento de sua edificação total, instaurou-se o primeiro processo pela Terracap. Em 1982 a sentença foi julgada na 1ª Vara da Fazenda Pública, dando ganho de causa à empresa do GDF, e reintegrando-o ao patrimônio da Terracap.

Em 1990 a Terracap cogitou a venda do terreno, já que a construção, segundo técnicos, estaria condenada à implosão, porque sua estrutura corroída dava cabo às possibilidades de reforma.

**Vigilância** — Existem aqueles que moram, mas também há os que ficam ao lado, tomando conta dos esqueletos. Este é o caso de Júlio José de Souza, pago há cinco anos para vigiar as obras do prédio que deveria ser o Hotel Fenícia. O vigia mora com a esposa e mais seis filhos num barracão ao lado do esqueleto, que fica próximo ao Hotel Aracoara, no Setor Hoteleiro Norte.

Enquanto toma conta das ruínas do suposto hotel, Júlio José conta que utiliza o local para estender roupas e para servir de apoio a outras atividades domésticas. Segundo ele, que nem sabe ao certo o nome do prédio que vigia, o lugar está muito bem cuidado, porque ele não permite a invasão de mendigos. "Todo dia chega gente do Piauí querendo morar aqui, mas eu não deixo", justifica, argumentando não receber explicações dos responsáveis pela construção sobre o destino das obras. "Um gringo é o dono disso aqui", informa.

Um outro polêmico esqueleto da cidade, o do hotel-fantasma, como é conhecida a construção localizada nas proximidades do Palácio da Alvorada, ainda com a situação pendente, continua servindo de moradia para muita gente. A edificação já motivou diversas ações em favor de sua implo-

são, mesmo assim serve de abrigo aos que ainda se aventuram em suas ruínas. Desde que foi criada a comissão de trabalho designada pelo GDF para encontrar destinações para os esqueletos, o hotel-fantasma encontra-se na mira desse grupo.

Na época em que a comissão foi constituída, o então secretário de Comunicação do GDF, Fernando Lemos, destacou a possibilidade de a construção ser implodida, conforme parecer favorável do governo a esse respeito. O urbanista Lúcio Costa admitia que a obra era indesejável "porque perturba a horizontalidade do Plano Piloto", reconhecia. A estrutura seria um hotel de cinco estrelas, de propriedade de Antônio de Paula e Sullivan Pedro Covrê. Ambos lutaram na Justiça para impedir a implosão do prédio, hoje descartada.

**Comissão** — Na ocasião em que foi formada a comissão de trabalhos, o então secretário de Comunicação do GDF informou que havia determinação para que todos os casos fossem estudados um a um, em relação ao aspecto jurídico, e analisadas as propostas de adequar essas obras conforme os planos do governo Roriz. Por determinação do governador, o grupo de trabalho, constituído no final de 1991, deveria considerar, no levantamento, as questões de segurança, a linha urbanística da cidade, assim como interesses socio-econômicos da população, conforme foi feito.